

Congelamento não virá, mas é indissociável o mal-estar que toma conta da área econômica do Governo pela falta de rumos que no momento ela apresenta. É como se a equipe estivesse sendo surpreendida por fatos inesperados e maiores que seu raio de decisão sobre os fenômenos que causam o aprofundamento da crise, como a impossibilidade visceral do Poder Central manter a meta de 4 por cento do PIB como limite do déficit público. O ministro Mailson da Nóbrega viajou para o exterior deixando atrás de si um torvelinho de dúvidas. Quando voltar, certamente vai ter que explicar à sociedade como é possível enfrentar com paciência o pique da crise inflacionária, derivado, segundo ele, do choque agrícola, geado no Sul e frio em São Paulo. Mais uma vez, São Pedro pune o trabalho que São Paulo realiza.

A recuperação será lenta e difícil; e existem componentes políticos que atrapalham o encaminhamento das soluções. As lideranças sindicais que começaram a negociar um entendimento ou acordo nacional com os empresários estão, no mais das vezes, envolvidas na campanha eleitoral e querem tirar partido com a afirmação de princípios em favor de substanciais melhorias salariais, e não pela renegociação abaixo da inflação. Nem os empresários, ao mesmo tempo, estão dispostos a reajustar preços abaixo da inflação, porque sua luta é contra o inimigo principal, o Governo, que continua regulamentando a economia e mantendo princípios rígidos de estatismo. O preço, que é o grande incentivo à econo-

mia aberta, é ditado pelo Governo, pois ele próprio sinaliza a inflação, a cada mês, com a venda de suas letras. Portanto, não há como praticar preços abaixo da inflação.

A questão é sobremaneira política. São decisões a serem tomadas pelo presidente Sarney entre fazer uma eleição sem dinheiro, ou fazer dinheiro com a eleição. Só poderá tentar essa última saída se fechar decisivamente os cofres do Tesouro diante da cantilena dos governadores e prefeitos, interessados por verbas federais. Se mantiver fechado o caixa ganha dinheiro novo do exterior, através das agências internacionais. Se abre o caixa, perde credibilidade junto a tais organismos. Sarney vai ser obrigado a perder a eleição para não atrapalhar o andamento dos acordos externos, que implicarão a canalização de dinheiro novo.

A propósito, o ministro Mailson da Nóbrega referiu-se, antes de viajar, a um tema que diz respeito à posição constrangedora que o Brasil atualmente revela ao exterior. Somos o único país da América Latina com créditos para importação de equipamentos cortados pelos bancos de fomento às exportações. Agora, esses créditos serão reabertos, independentemente dos acordos bilaterais que o Governo acertará com cada membro do Clube de Paris.

Pelo menos estamos recobrando a dignidade. Mas a guerra começa a ser perdida na indignidade doméstica, que é avivada pela velha senhora — a inflação.